

Um estudo de caso sobre a cobertura jornalística do centenário de Marshall McLuhan¹

Bruna Cristina Afonso BRAGA²

Filomena Maria Avelina BOMFIM³

Universidade Federal de São João del – Rei, São João del – Rei, MG.

RESUMO

O presente artigo pretende discutir os conceitos básicos que nortearão a pesquisa sobre a forma como a imprensa brasileira tratou o centenário de Marshall McLuhan. A metodologia de pesquisa será desenvolvida a partir de um estudo de caso, somado a uma pesquisa bibliográfica. A amostra de pesquisa será constituída de uma seleção e coleta de matérias publicadas, nos formatos digitais de jornais e revistas de circulação nacional, selecionados dentre os mais significativos na imprensa brasileira, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ). Espera-se que esta discussão contribua sobremaneira para que se iniciem novamente os debates sobre o pensamento McLuhaniano, a fim de que as teorias da Comunicação reconheçam a magnitude de tal repertório de ideias para esse campo de conhecimento.

Palavras-chave: Cultura; Critérios de noticiabilidade; Notícia; Novas tecnologias; Pensamento McLuhaniano.

1. Introdução

1.1 Identificação do tema e delimitação do problema de pesquisa

No ano de 2011, foi celebrado o centenário do teórico canadense Herbert Marshall McLuhan. O autor foi um grande expoente no campo da Comunicação Social, mesmo não possuindo formação nessa área. McLuhan teve formação interdisciplinar, graduou-se em Engenharia, fez mestrado em Literatura Inglesa e, por último, doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Cambridge.

A interdisciplinaridade na formação de McLuhan o favoreceu no desenvolvimento de seus estudos sobre os meios de comunicação e seus efeitos na sociedade. Era um teórico à frente do seu tempo, com pensamentos e teorias avançadas, visto que, em sua época, os

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de São João del – Rei. Email: masakibruna@gmail.com

³ Orientadora. Doutora graduada em Jornalismo PUC-MG, Mestre em Jornalismo Internacional pela City University – Londres (UK), Mestre em Ciências da Informação pela UFMG, Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Pós- doutora em Cultura e Tecnologia pela Universidade de Toronto, Canada. Email: myosha@gmail.com.

meNos de comunicação mais influentes eram apenas a televisão e o rádio. Marshall McLuhan foi autor de decisivas abordagens teóricas sobre a comunicação, tendo, em consequência, criado e fundamentado aforismos tais como “*os meios de comunicação são extensões do homem*”, “*o mundo é uma aldeia global*” e “*o meio é a mensagem*”.

Para McLuhan, os meios de comunicação são extensões do homem, porque ele considera as tecnologias da comunicação como extensões do corpo humano; segundo ele, o rádio é uma extensão dos nossos ouvidos; a roda dos nossos pés; o livro, uma extensão da nossa visão, dentre outros. O autor ainda declarava que o avanço tecnológico ultrapassaria as barreiras do tempo e do espaço e, com isso, o mundo se tornaria uma aldeia global. Essa comparação faz referência ao fato de que, em uma aldeia, os moradores interagem entre si, compartilham ideias e opiniões, convivendo e criando, em decorrência, uma cultura homogênea. Para o autor, esse fenômeno se repetiria em escala global, devido à rapidez com que a televisão levava uma mesma informação a qualquer lugar do planeta, disseminando um pensamento único sobre determinado evento para pontos extremos da terra.

O teórico também falava do meio através do qual a mensagem é veiculada. Para ele, é fundamental analisar os meios pelos quais são transmitidas as informações, pois uma mesma mensagem não é veiculada da mesma forma no rádio e na televisão, por exemplo. Por isso, uma mesma mensagem, transmitida por vários meios de comunicação, pode ser interpretada de maneiras diferentes por diversas pessoas, dependendo do meio através do qual elas receberam a informação. Com essa proposição, McLuhan reconhece também a importância do meio de comunicação como ambiente capaz de interferir na mensagem, assim como ratifica sua crença de que o contexto no qual o processo comunicacional ocorre também pode alterar o conteúdo e a compreensão da mensagem. Aprofundamentos nesse sentido permitiram que McLuhan criasse a teoria do elemento no contexto (*figure towards ground*), que, mais tarde, lhe encaminharia ao desenvolvimento da *teoria das tétrades*.

O filósofo canadense ainda divide os meios em “quentes” e “frios”: os meios quentes são aqueles que não permitem muito a interferência do receptor na mensagem ou conteúdo veiculado, como exemplo, o livro. Já os meios frios são aqueles que permitem/estimulam significativa interação entre os receptores, a fim de discutirem os diversos modos de entender uma mesma mensagem, como a Internet, por exemplo.

McLuhan recebeu significativas contribuições em seus estudos, a partir da convivência com intelectuais de diferentes áreas. Por isso, a interdisciplinaridade na vida do

teórico foi um dos pontos mais marcantes de sua formação. Suas maiores influências foram James Joyce, Ezra Pound, Windham Lewis, Thomas Stearns Elliot e Teillard de Chardin.

James Joyce era irlandês, foi escritor, jornalista e professor de irlandês. Sua maior contribuição para McLuhan foi a narrativa não linear, de forma que uma obra não precise, necessariamente, ser lida em sequência para ser compreendida.

Ezra Pound era americano expatriado, foi poeta, músico, crítico e promotor de arte. McLuhan inspirou-se em sua objetividade, nos sentidos variados das palavras quando estão em contextos diferentes, além de se constituírem potenciais formadoras de imagens e sentidos.

Windham Lewis era canadense, foi pintor e escritor. Acreditava que a revolução industrial interferiu negativamente na literatura e na arte, pois a tendência geral nas áreas de produção era a robotização e a repetição de processos, não deixando espaço para a criatividade e expressão. Afirmava também que os meios de comunicação eram formas de arte e que as artes constituíam meios de comunicação.

Thomas Stearns Elliot era britânico, foi crítico literário, poeta e dramaturgo. Inspirou o teórico canadense ao uso de metáforas e comparações. Enquanto Teillard de Chardin, padre jesuíta francês, filósofo e paleontologista, contribuiu com o aspecto da consciência coletiva, que ajudou McLuhan a desenvolver o conceito de *aldeia global*.

Dentre todas as obras de Marshall McLuhan, as três que mais se destacaram, foram: “*A Noiva Mecânica*”, “*A Galáxia de Gutemberg*” e “*Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*”. O teórico canadense também escreveu várias obras com outros intelectuais, como Quentin Fiore, Harley Parker, Wilfred Watson, Kathryn Hutchon e Eric McLuhan. Na década de 60 do século XX, quando McLuhan levantou uma série de ideias polêmicas a partir de seus aforismos, foi bastante questionado pela comunidade acadêmica. A principal crítica era de que ele não trabalhava com rigor científico e fazia uma clara apologia às inovações tecnológicas. Nos anos 90, com o surgimento e disseminação da Internet, o pensamento de McLuhan começou a ser revisitado, a partir de um outro olhar, tendo em vista que muitas das questões por ele levantadas mostravam considerável consistência, como se pode notar no conceito de aldeia global, entre outros.

1.2. Justificativas

Primeiramente, é importante remeter o pensamento de Marshall McLuhan ao campo das teorias da Comunicação. Deve-se destacar a importância de McLuhan para o campo da

Comunicação Social, ao se perceber que o teórico canadense teve uma percepção muito singular da utilização dos meios de comunicação e das possíveis consequências do avanço tecnológico para a sociedade contemporânea. Suas teorias e aforismos – apesar de desenvolvidos nas décadas 50, 60, 70 e 80 - vão muito além do seu tempo. Na verdade, são atuais e totalmente adequados à era eletrônica, em que as tecnologias digitais ganham tamanha dimensão, fazendo repensar até mesmo os paradigmas do campo da Comunicação.

Apesar do pioneirismo de McLuhan, ele sofreu duras críticas na década de 60, principalmente no contexto em que havia um forte movimento de contracultura e de contestação às tecnologias. Ao defender que as novas mídias transformavam radicalmente a sociedade de uma forma inusitada, McLuhan passou a ser criticado, por não apresentar teorias consistentes, do ponto de vista do rigor científico tradicional, e por fazer apologia à tecnologia. Prova disso é que, até mesmo nas discussões e disciplinas de teorias da comunicação, as ideias de McLuhan ainda não têm o respeito acadêmico merecido, tendo em vista a exclusão de seu nome em tais ambientes. Atualmente, com a celebração do centenário de McLuhan, sua obra está sendo revisitada sob um outro olhar, que permite a percepção da consistência teórica de muitas de suas ideias. Por isso, pretende-se que o presente artigo possa trazer contribuições à essa abertura, além de socializar o pensamento de um autor que trouxe significativas contribuições para o campo da Comunicação Social.

1.3 Revisão de Literatura

1.3.1 O pensamento de Marshall McLuhan e as suas contribuições para o campo da Comunicação

Dentre os teóricos com os quais trabalhou, Edward Hall e Edmund Carpenter foram fundamentais em sua aproximação com a antropologia cultural. Segundo Irene Machado, em palestra na UNB em novembro de 2011, as formulações teóricas desenvolvidas por esses três estudiosos possibilitaram o surgimento das chamadas “explorações” (investigações e análises de caráter experimental sobre a cultura gerada pelos *media*), que promoveram o desenvolvimento de um método de análise apoiado na proposição dos meios como formas culturais.

Assim sendo, o primeiro livro de McLuhan, publicado em 1951 – *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man* – constitui uma síntese dos seus experimentos analíticos naquele período. Tal método de análise constitui um somatório de treinamentos de percepção da realidade vivenciados no Canadá (visão panorâmica de qualquer ponto do

país) e em Cambridge (*close reading* ou leitura concentrada no texto). Esse treino de percepção reúne uma linha de aprofundamento na informação e outra de apreensão da realidade por meio de suas contradições, de acordo com Irene Machado. Ela salienta ainda que essas duas possibilidades podem ser encontradas em diferentes graus em sua trilogia básica: *The Mechanical Bride* privilegia o fechamento de foco na análise de anúncios publicitários; *The Gutenberg Galaxy* salienta a análise concentrada no alfabeto como mídia e nos desenvolvimentos possibilitados por ele; enquanto o funcionamento dos meios de comunicação a partir do advento e expansão da eletricidade - entendida como ambiente - é estudada em *Understandng Media*. Assim, as “explorações” permitem que os meios de comunicação sejam considerados manifestações culturais na visão globalizante de Marshall McLuhan, acredita Machado.

Contudo, o tom coloquial desse estudioso canadense, temperado com uma dose especial de humor, não pode ser omitido, já que tem um papel funcional determinado em sua maneira de ler a realidade: “Ele sempre recorre a uma piada para explicar o conteúdo de suas formulações e até mesmo para provocar, polemizar, ironizar”, frisa Machado. Na verdade, ela entende que essas piadas, que se transformaram em chistes, popularizaram McLuhan em todo o mundo, a partir de ditos, tais como “*o meio e a mensagem*”, “*os meios de comunicação são extensões do homem*” e “*aldeia global*”. Tais expressões desempenham o papel de formas de adivinhação e/ou manifestações intuitivas, desprovidas de sequência lógica, baseadas em uma estratégia de pergunta e resposta. Essa característica constitui um chamado à participação do leitor/audiência, pelo fato de estabelecer um tom dialógico envolvente, no qual piadas ou chistes materializam um discurso em que os agentes comunicacionais se confundem e trocam de papéis continuamente, por compartilharem o mesmo foco, assim como nas redes sociais. Desta forma, a piada e/ou chiste operam como recursos de linguagem que mantêm e motivam o envolvimento e a participação/compartilhamento, da mesma forma em que, como no ciberespaço, consolidam um ambiente de ideias/pensamentos em constante construção/reelaboração, ratificando a atualidade do pensamento McLuhaniano, a despeito de terem sido apresentados muito antes do surgimento da Internet.

Assim sendo, tais recursos de linguagem instalam um ambiente de tal proximidade, que se torna determinante do que se entende, por fim, da privacidade, tendo em vista o significativo grau de envolvimento, participação e compartilhamento a que os leitores

(entendidos como sujeitos interpretantes de uma dada realidade) se submetem, a fim de participar de um grupo *sui generis*, no qual reina a reversibilidade de papéis. Essa ambiência criada por tais chistes/piadas parece ser fundamental para que se compreenda o conceito McLuhaniano de aldeia global. Adicionalmente, Machado acredita que tais recursos de linguagem ativam percepções/leituras da realidade que remetem a dimensões culturais mais profundas de sua mensagem. Na verdade, tais piadas/chistes parecem ter nascido a partir do estabelecimento da relação entre qualquer figura (elemento) e o fundo (contexto) no qual se manifesta, o que possibilita o contato com aspectos inesperados e negligenciados de fenômenos comunicacionais. Entretanto, para a comunidade acadêmica da época, piadas e/ou chistes configuravam um discurso pouco sério, o que contribuiu para o rebaixamento do pensamento de McLuhan a um discurso pouco confiável.

Apesar disso, o conjunto da obra de McLuhan, incluindo e devido a suas parcerias com teóricos/profissionais dos mais variados campos de produção do conhecimento, oferece uma modalidade de reflexão sobremaneira atual, pelo fato de valorizar a ideia do jogo com campos semânticos e contextuais articulados em distintos ambientes culturais. A díade fundo/figura indica uma estratégia de raciocínio baseada na observação e percepção da realidade cultural de um contexto. Segundo Machado. “para produzir o feito desejado, a piada gera envolvimento, desperta a percepção para algo. É esse envolvimento que provoca estados de percepção, de atenção e de compreensão simultâneos, o que McLuhan entende ser o fundamental de toda mensagem”, declara Irene Machado. Mais tarde, ao considerar os meios de comunicação como extensões de processos sensoriais e cognitivos, McLuhan reafirma oficialmente a dimensão ambiental de sua obra e alcança a dimensão epistemológica a partir de uma visão de mundo global e inclusiva, ratificando a noção de ambiente e de ecologia dos meios de comunicação.

A importância de McLuhan para o campo da Comunicação Social é visível quando se reconhece que o teórico canadense teve uma percepção muito singular da história dos meios de comunicação e do que o avanço tecnológico poderia trazer para a sociedade. Na verdade, McLuhan reconta a história dos meios de comunicação a partir das transformações culturais, isto é, dos efeitos no modo de se tratar as informações representativas das percepções em contextos diferenciados, considerando que e por intermédio do efeito que o meio se define, McLuhan formula a hipótese dos meios como extensão do homem. Assim inventa esses efeitos e postula a necessidade de registrar as consequências e implicações

culturais trazidas por eles, por intermédio de uma história alfabetizadora dos meios, viabilizando uma compreensão gramatical e funcional para a significação dos fenômenos culturais. McLuhan entende que o modo de produção de uma informação interfere na maneira pela qual a própria informação é percebida e compreendida culturalmente. Por isso, a tecnologia, para ele, constitui um processo de significação da linguagem, enquanto o efeito configura-se como o “instrumento de se transformar a informação em linguagem e esta, em veículo de percepção e de conhecimento”, reitera Machado. Com isso, a história dos efeitos dos media na sociedade tornou-se uma história da linguagem dentro do pensamento McLuhaniano, no qual as diferentes formações perceptuais e cognitivas utilizadas nos processos de trocas e de convivências são denominadas linguagens da comunicação. Desta forma, o estudioso canadense despreza a ênfase na técnica, salientando a história dos meios de comunicação a partir das transformações culturais trazidas por eles. Assim, pode-se reconhecer processos de percepção, de compartilhamento, de apreensão/representação da realidade (notícia), além de seus mecanismos de implicação mútuas que podem viabilizar, até mesmo, a sofisticação da tecnologia.

Dentro da atualidade da sua obra, e nessa história dos meios, a partir do ponto de vista de Marshall McLuhan, os agentes comunicacionais são considerados sujeitos interpretantes dos processos transformadores da informação na mensagem. Assim sendo, e considerando o sentido semiótico do termo, tais agentes são capazes de transformar a mensagem, agregando valor cultural à informação, sempre que em novo contexto, no qual os efeitos promovem novas, simultâneas e multiplicadoras interações sociais, como em um processo viral. A experiência das redes sociais prova a natureza visionária do pensamento desse estudioso canadense, bem distante do determinismo tecnológico questionado por tantos.

1.3.2 O fazer jornalístico

1.3.2.1 Critérios de noticiabilidade

Ao se discutir o fazer jornalístico, um dos pontos centrais é o conceito de noticiabilidade. Quando determinado fato ganha relevância e se torna pauta para a imprensa, a fim de ser noticiado? Por isso, devido à quantidade excessiva de fatos que acontecem no mundo todos os dias, as mídias precisam classificar quais informações são relevantes para se tornarem notícia. Essa seleção é chamada de *critérios de noticiabilidade*. Segundo Wolf (1999, p.190),

(...) a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informações enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e estável de notícias.

As notícias que saem todos os dias nos jornais são resultado de processos complexos: a relação dos jornalistas com a empresa, com seus chefes, a busca por audiência, as fontes, dentre outros. Essa seleção de fatos que podem virar notícia leva em consideração uma série de fatores, que vão desde a organização do trabalho, a cultura profissional dos jornalistas, a tradição da empresa jornalística em que trabalham, até a qualidade da informação adquirida.

Wolf acredita que a organização do trabalho é fundamental para a escolha das notícias. O autor fala que a seleção de fatos são negociações feitas pelos jornalistas em diferentes períodos de produção da matéria a ser veiculada. O autor ainda cita quatro formas de selecionar os fatos, além de falar da relevância, proximidade, universalidade e da novidade. Para ele, o fato tem que gerar interesse e discussão na sociedade, tem que estar próximo da população para que esta demonstre interesse em acompanhar a notícia. O fato tem também que gerar repercussão e ser uma novidade entre o público para a formação de opiniões. Por isso é fundamental entender os critérios de noticiabilidade para analisar as matérias de um jornal, para entender o processo pelo qual a notícia passou antes de se transformar no produto final (matéria editada). Dentro do presente projeto, isso quer dizer que tais critérios de noticiabilidade podem ajudar o pesquisador a entender por que Herbert McLuhan e sua obra tornaram-se notícia ao longo de 2011. Além disso, podem também esclarecer por que determinados tópicos/assuntos dentro da produção do intelectual canadense tiveram maior destaque na imprensa brasileira.

1.3.2.2 Notícia

Uma definição simples de notícia seria apenas o relato dos fatos, isto é, uma maneira de informar à população o que acontece ao seu redor e no mundo. Mas existem inúmeros estudos sobre o que seria realmente a notícia, tendo em vista o dilúvio informacional a que a humanidade está submetida, o significativo número de eventos que ocorrem no mundo diariamente, bem como o fato de a população só ter acesso a uma parte desses acontecimentos.

Muitos estudiosos criticam o processo de edição das notícias que chegam até o público, pois acreditam que o jornalismo se tornou uma mercadoria, que visa apenas lucros e interesses políticos. Ciro Marcondes Filho (1986, p.13) é um deles e define notícia como

(...) a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo.

Já o ex-jornalista e sociólogo Robert Park acredita que a função das notícias é informar o público sobre o que acontece ao seu redor, para que este construa uma identidade comum à do seu grupo, permitindo, assim, que o indivíduo tome decisões de acordo com as informações que recebe.

O que intriga e leva muitos intelectuais a estudarem a notícia é o questionamento de como é feita a seleção de notícias que são veiculadas diariamente, visto que os jornais não conseguem repassar todos os fatos que acontecem. Além disso, as possibilidades de manipulação e de relatos que não refletem a realidade dos acontecimentos também precisam ser consideradas, levando em conta os critérios de noticiabilidade (WOLF, 1999).

De qualquer maneira, o interesse por esse estudo sobre notícias é crescente, pois a importância da informação é reconhecida mundialmente. As pessoas se tornaram dependentes dos noticiários, dos jornais e da Internet para que possam saber o que acontece no mundo a qualquer momento, já que passam por um avanço tecnológico em que as informações ultrapassam os limites do tempo e do espaço. Diante disso, pretende-se, neste artigo, discutir o conceito de notícia, para que se possa analisar com clareza as matérias publicadas sobre Marshall McLuhan, durante o ano do seu centenário (2011).

1.3.3 Novas tecnologias

Tendo em vista que o pensamento de McLuhan tem sido revisitado, principalmente, pelas questões que o autor levantou sobre as inovações tecnológicas, é importante remeter à discussão sobre as tecnologias digitais. A sociedade vive, hoje, mudanças cada vez mais frequentes em decorrência do desenvolvimento tecnológico. Situações que antes eram inusitadas e inimagináveis, tornaram-se possíveis devido aos novos recursos tecnológicos.

Segundo o teórico José Manuel Moran (1995), as novas tecnologias são artefatos que têm contribuído muito para o desenvolvimento do capitalismo, além de facilitar o contato a longas distâncias e também intensificar os moldes urbanos. O autor acredita, ainda, que não são as novas ferramentas tecnológicas que modificam uma sociedade, e sim,

a maneira como ela utiliza esses novos recursos. Na verdade, o capitalismo, em sua grande expansão, faz com que os recursos tecnológicos cresçam e se propaguem cada vez mais, para que se alcance um número considerável de usuários. Dessa forma, segundo Moran, o capitalismo está atingindo sua meta de obter cada vez mais lucros, fazendo com que o público esteja sempre consumindo as novas tecnologias.

Ao mesmo tempo, as redes de comunicação e as novas tecnologias estão proporcionando, cada vez mais, novas formas de consumo, permitindo compartilhamentos em tempo real, além do trabalho virtual. Assim sendo, as pessoas se conectam com a empresa onde trabalham, mesmo estando distantes, facilitando o contato com indivíduos em qualquer lugar do mundo. Em função disso, Moran explica que as tecnologias precisam se adequar a cada situação distinta, pois elas interferem no modo de vida da sociedade, na interação e na percepção da realidade. O autor ainda destaca o processo de individualização estimulado pelas novas tecnologias na sociedade contemporânea. A personalização e portabilidade dos novos recursos, como celulares, notebooks, iPhones, etc., segundo o autor, favorece o surgimento de processos de individualização das formas de comunicação, facilitando o acesso à informação.

Adicionalmente, pode-se perceber que as novas tecnologias e redes eletrônicas modificam o conceito de tempo e espaço, permitindo atualmente o que antes não era permitido. Moran afirma que “cada inovação tecnológica bem sucedida modifica os padrões de relacionamento com a realidade anterior”. Isso contribui para que a sociedade se torne cada vez mais exigente em relação às suas expectativas pessoais. Diante disso, é tácito o fato de que o avanço tecnológico, com certeza, mudou o padrão de vida da sociedade, principalmente nas questões sociais e econômicas. Tudo gira em torno de recursos tecnológicos, obrigando as pessoas a se integrarem e fazerem parte desse ambiente, para não serem excluídas.

Levando em conta o cenário apresentado, este artigo valoriza o estudo das novas tecnologias, já que, para Marshall McLuhan, “o meio é a mensagem”. Na verdade, o “profeta” da comunicação, muito antes de o mundo considerar a existência da Internet e dos novos recursos da comunicação em rede, já vislumbrava um meio de comunicação que ultrapassaria as barreiras do tempo e do espaço, em sua teoria sobre a “aldeia global”.

1.3.4 Cultura

“Cultura” é considerado um termo de difícil definição. Desde a antiguidade, inúmeros filósofos e intelectuais vêm tentando atribuir um significado ao termo que faça

sentido. Roque de Barros Laraia escreveu em seu livro “*Cultura um conceito antropológico*” como o conceito de cultura foi se lapidando ao longo do tempo. Ao discorrer sobre o determinismo biológico, ele afirma que muitas teorias ressaltam que o fator biológico define a cultura de um grupo social. Contudo, mostra que não há interferência biológica quando se fala de cultura dentro do seu campo de trabalho. Frisa que o ser humano passa por um processo de endoculturação, pois

(...) o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função dos seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (Roque de Barros, 2009, p.19 e 20)

O autor discute também sobre o determinismo geográfico, apontando que algumas teorias preconizam a influência do ambiente sobre a cultura, provocando, então, o aparecimento de diferenças culturais. Entretanto, Roque de Barros acredita que o determinismo geográfico não interfere na cultura de um povo, sendo possível dois povos de culturas muito diferentes habitarem regiões de climas semelhantes, tais como os esquimós e os lapões. Assim sendo, Laraia concebe cultura como o padrão de comportamentos de um povo, transmitido por gerações; constituindo, então, um conjunto de modos de vida que inclui influências políticas, econômicas, religiosas, dentre outras. Segundo esse teórico, a antropologia apresenta tal conceito de cultura, mas frisa que coexistem formas distintas de discorrer sobre esse mesmo conceito dentro desse campo de produção do conhecimento. Neste artigo, pretende-se discutir a questão da cultura e como ela está interligada com as teorias de McLuhan, principalmente no seu mais conhecido aforismo - “*o meio é a mensagem*”; além disso, destaca-se, também, a maneira como a cultura será considerada nas notícias a serem analisadas sobre o autor.

2. Objetivo geral

A partir do que foi relatado, pretende-se, neste artigo, apresentar os conceitos básicos que nortearão a pesquisa sobre a forma como a imprensa brasileira tratou o centenário de Marshall McLuhan, durante o ano de 2011.

3. Metodologia

3.1 Pesquisa exploratória quantitativa e qualitativa

A metodologia de pesquisa do projeto a ser desenvolvido apresenta uma natureza mista, pois indica um caráter quantitativo e qualitativo. Uma pesquisa quantitativa indica que os resultados podem ser apresentados em termos quantitativos, por meio de índices numéricos. Dessa maneira, nesta pesquisa, teremos uma considerável quantidade de matérias a serem analisadas, volume esse que pode ultrapassar 100 notícias, em termos superficiais. Dessa forma, a pesquisa exploratória que permitiu a construção deste projeto tende a apresentar números essenciais para expressar o ponto de vista da mídia impressa brasileira, tendo em vista as abordagens mais frequentes sobre o autor canadense e as temáticas mais presentes nas matérias publicadas sobre seu Centenário. Assim, teremos uma visão da maneira como o teórico foi tratado pela mídia impressa brasileira, o que capacita o pesquisador a responder as hipóteses levantadas no projeto.

Por outro lado, o seu caráter qualitativo apóia-se nos índices numéricos para nos permitir identificar tendências sobre a imagem de McLuhan e de sua obra, assim como a contribuição desse autor para o campo da Comunicação Social, de forma mais específica. Portanto, a análise que será feita do conteúdo pesquisado terá como objetivo maior identificar interpretações, opiniões, críticas sobre esse estudioso e seu trabalho. A partir desses tipos de texto jornalísticos, pretende-se chegar a algumas considerações sobre o tratamento recebido por McLuhan e sua obra pela mídia brasileira.

3.2 Estudo de caso

Diante da seleção em foco, a metodologia escolhida para esse projeto foi o estudo de caso. Segundo Yin (2001), esse método constitui uma forma de se estudar o como e o porquê de determinado tema. Para tanto, se faz necessária a reunião do máximo possível de informações e detalhes do tema proposto, para que se possa analisar o conteúdo, a fim de obter resultados finais com descrição detalhada do assunto questionado. Esse método foi escolhido para realização do projeto devido à natureza do objeto, bem como da amostra indicada, que vai permitir o desenvolvimento de uma investigação que aponte tendências, a partir dos números apresentados sobre as matérias relacionadas ao tratamento do centenário do teórico canadense Marshall McLuhan pela mídia brasileira, no ano de 2011, aliada às possíveis causas das evidências encontradas.

3.3 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica será feita a partir da leitura das três principais obras de McLuhan – *“The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man”*, *“A galaxia de Gutenberg” (The Gutenberg Galaxy)* e *“Os meios de comunicação como extensão do*

homem” (*Understanding Media – the Extensions of Man*) - além de trabalhar livros, artigos e produtos científicos que tratem dos eixos temáticos: (a) o pensamento teórico de Marshall McLuhan e suas contribuições para a Comunicação; (b) o fazer jornalístico; (c) as novas tecnologias.

3.4 Pesquisa documental e análise de conteúdo

Segundo a Associação Nacional de Jornais (www.anj.org.br), acessado em 10 de abril de 2012, o número de jornais diários brasileiros no ano de 2010 foi de 652. Devido a essa grande quantidade de jornais em circulação, seria impossível realizar o projeto com universo de pesquisa tão vasto, durante 12 meses. Sendo assim, optou-se por selecionar como amostra de pesquisa os formatos digitais dos jornais diários impressos de maior circulação no país – *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Estado de São Paulo*, conforme dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Quanto às revistas de interesse geral, as quatro que estão consolidadas no Brasil são: *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Carta Capital*.

A pesquisa bibliográfica será realizada por meio da seleção e coleta de todos os materiais publicados, nos formatos digitais dos jornais e revistas selecionados para análise sobre o teórico canadense McLuhan. Feita a seleção de materiais sobre o teórico, passar-se-á à análise de conteúdo.

Segundo Roque Moraes (1999), “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.” Para o autor, essa metodologia é utilizada para permitir uma compreensão da mensagem analisada que vai além de uma leitura comum. Desta forma, no presente projeto, analisaremos os conteúdos das matérias publicadas sobre McLuhan nos jornais selecionados para a pesquisa.

4. Considerações finais

Como pode ser verificado no decorrer do presente artigo, a compreensão do pensamento McLuhaniano é fundamental para que se possa analisar, de forma coerente com o ideário de Marshall McLuhan, o conteúdo e significação das notícias a serem selecionadas no decorrer da pesquisa em foco, dentro do panorama da imprensa brasileira. Contudo, para que o entendimento do ponto de vista a partir do qual o estudioso observa a realidade seja apreendido, torna-se decisiva a consideração do conceito de cultura, pois, segundo a ótica do teórico canadense, os efeitos dos meios de comunicação diferem em contextos diferentes, ou seja, em culturas diferentes. Daí a natureza multicultural dos meios

de comunicação que são capazes de se adaptar, se ajustar a diversos contextos, ao veicularem a notícia, levando em conta o ambiente geográfico.

Entretanto, considerando o ciberespaço, as novas mídias constituem, elas próprias, ambientes nesse novo cenário. Assim sendo, além do ajuste `a nova cultura, as mensagens veiculadas ainda sofrem a influência da estrutura física desses meios/ambientes, cuja natureza e limites impõem restrições/ampliações ao conteúdo das notícias, pelo fato de superestimarem alguns ângulos, ao mesmo tempo em que subestimam outros, tendo em vista as características próprias de cada mídia/ambiente. Desta forma, o pensamento visionário de Marshall McLuhan antecipou significativamente as postulações acerca das consequências do advento das novas tecnologias na sociedade da informação.

Adicionalmente, o desenvolvimento dessas novas tecnologias tem contribuído de forma indelével para a complexificação do cenário atual, a partir do momento em que a possibilidade de se atuar desterritorializada e simultaneamente permite que o fazer jornalístico se realize independentemente da presença de um profissional de jornalismo no local onde determinado evento acontece. Torna-se, então, possível elaborar, `a distância, uma matéria sobre um fato próprio de uma dada cultura, a despeito da riqueza informacional capaz de compor uma tal representação da realidade, tal como o Centenário de McLuhan. Assim sendo, mais que certezas, espera-se que este artigo contribua sobremaneira para que se iniciem novamente os debates sobre o pensamento McLuhaniano, a fim de que as teorias da Comunicação reconheçam a magnitude de tal repertório de ideias tão enriquecedoras, justamente pelo fato de fomentarem a dúvida, a crítica e a incerteza tão próprias da natureza interdisciplinar do campo da Comunicação Social.

4. Referências

MCLUHAN, Marshall M. *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man*. Toronto, Viking Canada, 2003

_____. *A galaxia de Gutenberg: a formação do homem tipografico*; tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

_____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*; tradução de Decio Pignatari. São Paulo, Editora Cultrix, 1996.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MACHADO, Irene de Araujo. Ressonancias do envolvimento e participação com os meios. *Significação - Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, edição 36, Julho-Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www3.usp.br/significacao/artigo.asp?C%F3digo=75>. Acesso em 13 abr. 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 13 abr. 2012.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 126, p.24-26, set., 1995. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm>. Acesso em: 23 mar. 2012.

PEREIRA, Vinícius Andrade. Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos. *Unirevista*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, p.1-9, jul. 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_VAndrade.PDF. Acesso em: 22 fev. 2012.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17409/1/R0797> Acesso em: 22 fev. 2012.

TRINTA, Aluizio R.. Marshall McLuhan, Essencial. *Facom*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1/2, p.1-14, dez. 2003. Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/lumina/R10-01-AluizioTrinta.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2012.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 3ª.ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Disponível em: http://www.ec.ubi.pt/ec/01/_docs/artigos/sena-nilza-espaco-publico-democracia.pdf. Acesso em: 15 mar. 2012.

WOLF, Mauro. A Teoria funcionalista das comunicações de massa. In: *Teorias da Comunicação*. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.